

24 JAN 1996 Senado

## COISAS DA POLÍTICA

■ ROSÂNGELA BITTAR

# Clube de amável convivência

Por muitos e muitos anos, o Senado tem sido o que o senador Jarbas Passarinho passou a chamar de clube de amável convivência, definição que vinha caindo bem ao comportamento da Casa, ao que parece ao longo dos últimos cinquenta anos. Eram debates, algumas vezes duros, mas em tom mais ou menos elevado, em torno de idéias.

Hoje, ali, ninguém se recorda, é verdade, de discursos notáveis, a não ser os quase monólogos do senador Teotônio Vilela, em que seus opositores evitavam apartes para não lustrar ainda mais o brilho pessoal. E são esparsas as lembranças, em diferentes legislaturas, de senadores que partiram para o baixo nível do ataque pessoal. Quando ocorria, estavam eles sustentados em vocações provincianas.

Os embates de tribuna mais lembrados em tempos recentes, quando o Senado já havia se transformado no tal clube, ainda são os que travaram o mesmo Passarinho, na defesa do governo militar, e Paulo Brossard, na liderança da oposição. Mas se não houve o fato memorável, não foram registrados, também, na memória de antigos senadores, momentos de inesquecível deselegância. Estes reapareceram ontem, levados pelos senadores Pedro Simon e Antônio Carlos Magalhães, que ao repetirem um embate pessoal já vivido em outros momentos criaram a expectativa de volta das emoções fortes em plenário. Mas ainda não foi dessa vez, talvez até pela origem da divergência.

A atual briga dos dois senadores começou num ponto de consenso: ambos estão contra a aprovação, pelo Senado, do Sistema de Vigilância da Amazônia, o Sivam. Na noite anterior ao debate de ontem, Antônio Carlos Magalhães explicava que votará contra o Sivam por não ter se convencido do contrário a partir de argumentos do Ministério da Aeronáutica. O senador destacava duas questões obscuras — a falta de licitação verdadeira para um projeto de US\$ 1,4 bilhão e a participação da Esca, empresa escolhida no início para gerenciar o projeto, na escolha da americana Raytheon Company para executá-lo, sendo que as duas tinham uma relação comercial anterior a essas decisões.

Simon faz restrições semelhantes. Por isso levou o debate, precocemente, ao plenário, na quarta-feira da semana passada. No discurso, que até então era contra o presidente do Senado, José Sarney, pela intenção de interpelar judicialmente o brigadeiro Ivan Frota por críticas feitas a senadores, aproveitou para colocar ACM na história. "...Tanto Sarney quanto Antônio Carlos Magalhães apoiaram o regime militar...". E por aí foi o senador Simon, destacando que nenhum dos dois teria, então, moral para fazer defesa veemente do Congresso.

Sarney se explicou em seguida, não sem antes fazer reparos à biografia de Simon. Se ele, Sarney, esteve tão ligado ao regime militar, não entendia por que Simon aceitou ser ministro do seu governo. No mesmo dia, não foi possível haver réplicas e trélicas. Que, então, aconteceram ontem.

Os ataques, absolutamente pessoais. Os contendores criticaram — nada diretamente, tudo em insinuações — os filhos um do outro, sendo que o de ACM é o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, e o de Simon um garoto de um ano e sete meses. Revolveram momentos de fisiologia que em todos os tempos marcaram as relações do Congresso com o governo, divergiram em torno do que pensou ou deixou de pensar o presidente Tancredo Neves, morto em 1985. E em que foram repetidos os adjetivos, as acusações em torno de sentimentos. Debate em que mesquinha, inveja, grosseria e loucura foram usadas como tiros mortais mas soaram como balas de festim.

Nunca mais, desde 45, o Senado voltou a ser o velho Senado de que falava Machado de Assis em crônica.